



A oralidade no texto escrito: A Resposta, Kathryn Stockett em foco

The orality in written text: *A Resposta*, Kathryn Stockett in focus

Sandro Luis da Silva¹

Resumo: Várias são as formas de compor um texto literário, levando em consideração a situação de sua produção. Este artigo tem por objetivo apresentar as marcas de oralidade presentes no texto *A Resposta* (2011), romance de Kathryn Stockett, o qual apresenta três narradoras que se caracterizam como verdadeiras contadoras de história. As narrativas convidam o leitor a recriar os episódios relatados. O estudo pauta-se em Marcuschi (2003), Labov (2001) e Kerbrat-Orecchione (2006) no que diz respeito à oralidade e em Benjamin (1994) e Maingueneau (2009) em relação à narração literária. Evidencia-se que as marcas de oralidade proporcionam certa liberdade ao leitor, uma vez que o distanciamento entre o que é narrado e o que é vivido tende a diminuir, convidando o leitor a compartilhar com elas aqueles momentos registrados.

Palavras-chave: Oralidade. Variação Linguística. Romance. Narrador.

Abstract: There are several ways of composing a literary text, taking into account the situation of its production. This article aims to present the marks of orality in the text *A Resposta* (2011), novel by Kathryn Stockett, which has three narrators who are characterized as true history counters. The narratives invite the reader to recreate the episodes numbered. The study is guided in Marcuschi (2003), Labov (2001) and Kerbrat-Orecchione (2006) with regard to oral and Benjamin (1994) and Maingueneau (2009) in relation to the account. It is evident that the marks orality provide some freedom to the player, since the gap between what is reported and what is lived tends to decrease, inviting the reader to share those moments with them registered.

Keywords: Orality. Linguistic Variation. Romance. Narrator.

Considerações Iniciais

O texto literário percorre o caminho da oralidade à escrita, há um pressuposto de que seja ela voz e letra, simultaneamente, como estratégia para cativar o leitor. Em muitas obras, o narrador se torna um verdadeiro “contador de histórias”, como acontece em *A resposta* (2011), tradução do romance *The Help* (2009), de Kathryn Stockett. Diante das três narrativas centrais que compõem a obra, o leitor torna-se mais que um leitor: exerce a função de um ouvinte de narrativas diversas, dos fatos relatados pelas narradoras, das experiências vivenciadas por cada uma delas.

¹ Doutor em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor Adjunto de Língua Portuguesa e Ensino no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo.

São três narradoras – a nosso ver, três contadoras de histórias: Aibellen, Minny e Skeeter – que relatam histórias ocorridas na época em que o racismo extremo na América do Norte provocava um “apartheid” radical. A voz dessas mulheres representa um questionamento, ainda que inicial, à situação das pessoas menos favorecidas nos anos sessenta do século XX, na região do Mississippi.

Ao narrar, elas, que se caracterizam como sujeitos narradores, (re)significam as experiências vividas e as reconstróem. E essa reconstrução ocorre em função de seus interlocutores – o seu leitor/ouvinte. Três narrativas, três narradoras, três estilos que as aproximam do interlocutor que as leem.

Paul Zumthor (1979) explicita que existe (e sempre existiu) uma poética da voz, que se manifesta por diversas funções sociais ritualizadas pela palavra. A transmissão oral, mesmo que repousada em um texto escrito, dá primazia ao ritmo sobre o sentido e à ação sobre a representação. Ao trazer a voz e a oralidade para a escrita, Zumthor oferece ao âmbito literário novas perspectivas de leitura. Como diz o autor, A enunciação da palavra ganha em si mesma valor de ato simbólico. Graças à voz ela é exibição e dom, agressão, conquista e esperança de comunicação do outro; (...)” (1979, p. 15).

Walter Benjamin (1994, p 200-201) afirma: “a arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção”. As contadoras de histórias de **A resposta** evidenciam a importância do saber contar uma história, da espontaneidade nesse contar. E um dos recursos que observamos no texto escrito por Stockett (2011) é a presença das marcas de oralidade, que acabam por contribuir para a verossimilhança interna e externa das narrativas de Aibellen, Minny e Skeeter, que se entrecruzam ao longo do romance.

As marcas de oralidade proporcionam certa liberdade ao interlocutor, uma vez que o distanciamento entre o que é narrado e o que é vivido tende a diminuir, convidando o leitor a compartilhar com elas aqueles momentos registrados, convidando-os a recriar os episódios contados.

Neste artigo, procuramos explicitar as marcas de oralidade presentes no texto literário e seu efeito de sentido, as quais se constituem em verdadeiras estratégias linguístico-discursivas utilizadas, no contar, para envolver o leitor que assume a posição de “ouvinte das histórias”.

Para atingir esse objetivo, nosso texto está dividido em duas partes: na primeira apresentamos aspectos teóricos sobre a língua oral; na segunda, a análise de fragmentos do romance **A Resposta**, de Kathryn Stockett, que evidencia a voz poética das

“contadoras de histórias”, como recurso retórico que prendem o leitor não só à história, como também o levam a uma reflexão sobre a própria condição humana.

Breve diálogo com a teoria

Ao se pensar a língua – oral e/ou escrita – não há como não remeter o pensamento à concepção de linguagem, pois, como afirma Brait (2010, p. 228),

Um ato de linguagem é uma interação pelo fato de fundar-se no olhar avaliativo dos parceiros, isto é, daqueles que participam desse ato com a atenção profundamente voltada para todos os aspectos que, de alguma forma, interferem nesse evento.

Para Camacho (2001, p. 55), “a linguagem é, sem dúvida alguma, a expressão mais característica de um comportamento social, sendo, por isso, impossível separá-la de suas funções sociointeracionistas”.

A linguagem é, por natureza, um objeto passivo de alterações, por ser uma parte constitutiva do ser humano. Se levarmos em consideração que o homem está em constante transformação, é perfeitamente normal haver variações e mudanças linguísticas. Segundo Labov (2001), a variação linguística é natural, é essencial à linguagem humana. Dessa forma, o que exigiria explicação seria a ausência da variação na linguagem e não a sua presença.

Sem dúvida, cabe falar de uma consciência linguística que se constata dia a dia às experiências vividas no plano do discurso, uma vez que a língua leva o falante a fazer opções, isto é, dentre as várias possibilidades permitidas pela forma, só uma se realiza em um aqui e em um agora.

A comunicação se constitui em um evento social, pois promove a interação, o compartilhar, o dividir, o somar, enfim, o completar entre os sujeitos nela envolvidos. E, nesse sentido, é preciso considerar as questões relacionadas à língua oral e à língua escrita, não em uma perspectiva dicotômica, mas complementares. Cada uma delas possui características próprias.

De acordo com Marcuschi (2003, p. 17),

A escrita não pode ser tida como uma representação da fala (...). Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os

movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipos de letras, cores, formatos, elementos pictóricos, que operam como gestos, mímica e prosódia graficamente representados. Oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias.

Língua oral e língua escrita são duas modalidades da língua, com características próprias, utilizadas de acordo com a situação enunciativa. Quando o falante tem consciência desse fenômeno, ele se torna capaz de perceber com mais acuidade a presença desses recursos nos diferentes atos de fala e, conseqüentemente, observar a expressividade da língua em seu uso.

Sob essa ótica, supõe-se que, nos textos escritos, aparecem marcas da oralidade que caracterizariam o “autor” do texto, no que concerne a sexo, idade, escolaridade, classe social.

Por meio da língua, constitui-se uma determinada realidade, a ideologia de um grupo social, enfim, a visão de mundo que se apresenta num determinado contexto. Ela possibilita ao homem caracteriza-se como sujeito, interagir socialmente e retratar o mundo no qual está inserido. O falante é capaz de levar o outro a construir uma imagem daquele que a utiliza numa determinada situação enunciativa.

Existem as variações diafásicas, que são as distinções entre os diversos tipos de modalidade expressiva. Conforme afirma Coseriu, “as variedades linguísticas que caracterizam – no mesmo estrato social – os grupos ‘biológicos’ (homens, mulheres, crianças, jovens) e os grupos profissionais podem ser consideradas como ‘diafásicas’” (COSERIU, 1980, p. 110-111).

Os estudos voltados para a língua oral, de alguns anos para cá, ganharam dimensão significativa em várias áreas dos estudos da linguagem. E esse olhar recai também sobre o texto literário, uma vez que este se constitui em uma representação da realidade, por meio da língua (gem).

Mainqueneau (2009), ao se referir ao texto literário, afirma que, a partir do século XIX, caía em desgraça a vertente literária que acreditava na existência de um código literário especializado. Assim, aflorava uma nova estética, que acreditava que o “estilo” não era um registro de língua, mas uma expressão individual absoluta. Tal concepção chega ao ápice no início do século XX, quando “a relação do escritor com a língua deve

ser singular, alheia às convenções; cada escritor define soberanamente por meio de seu estilo o que há de literário numa língua” (MAINGUENEAU, 2009, p. 200)

Um autor, quando usa da língua, não é mais considerado um locutor modelo, vinculado ao “bom uso” do vernáculo, mas um hábil conhecedor dos recursos linguísticos oferecidos pelo idioma. Ele procura adequar esses recursos na realidade criada em seu texto, a fim de que o seu interlocutor possa aderir a mensagem pretendida.

É evidente que há necessidade de se pensar que a fala não se sirva apenas da gramática e do léxico da língua; ela vale-se de variados recursos – verbais e não-verbais; constitui-se em uma construção social, por meio da qual o homem interage no mundo em que vive.

O falante de uma língua visa a uma interação e isso acaba por implicar cumplicidade, solidariedade, jogos de linguagem, para que, em uma determinada situação enunciativa, seja construído um possível sentido para o texto ali produzido. Como afirma Kerbrat-Orecchione (2006, p. 89), “todos os destinatários de uma mensagem, mesmo aquelas que o são apenas indiretamente (...) desempenham um papel importante no desenvolvimento da interação”.

Os interlocutores procuram (in)conscientemente realizar um texto a partir de uma construção negociada por meio do jogo de intersubjetividade. Um estudo das características da oralidade e seu efeito de sentido precisam levar em consideração, também, o contexto, que depende das diferentes competências dos participantes, de seus desejos, de suas intenções.

No texto falado, há de se considerar a cooperação, pois os falantes realizam movimentos coordenados através de estratégias que visam à adequação ao processo de interação.

Não se pode descartar que na interação há uma manifestação de poder, incluindo aspectos sociais, culturais, linguísticos, discursivos, provendo o efeito de sentido do texto produzido.

A oralidade no texto literário: A resposta

Ao se falar em oralidade no texto literário, é necessário nos remetermos às questões estilísticas. Dizendo de outra forma: a presença da oralidade no texto literário implica efeito de sentido, contribui para que haja uma aproximação entre leitor, narrador e texto. As narradoras de **A Resposta** caracterizam-se como contadoras de histórias, como já afirmamos anteriormente.

Elas representam personagens apegadas às experiências do cotidiano, não apenas a sua experiência, mas também à experiência alheia que testemunha. Elas mantêm relação tanto com a atividade prática e individual, quanto com a social.

Aibellen, Minny e Skeeter levam, por meio de suas histórias, o leitor/ouvinte a se inserir no fluxo narrativo, numa busca constante pela continuidade das narrativas e pela plenitude de sentido, considerando o contexto de produção. Como aponta Benjamim (1994), a atividade de narração é inseparável de práticas culturais.

Observemos a passagem abaixo:

NAQUELA NOITE, COMO SEMPRE, vou até a casa de Aibileen. Conto a ela sobre o prazo de apenas dez dias, e ela parece prestes a chorar. Então, entrego o capítulo de Louvenia para ela ler, o capítulo que escrevi na velocidade da luz. Minny está sentada à mesa da cozinha conosco, bebendo uma Coca-Cola, olhando para fora, pela janela. Eu não sabia que ela estaria aqui hoje à noite e gostaria que ela nos deixasse trabalhar.

Aibillen larga as folhas e balança a cabeça afirmativamente.

- Acho que esse capítulo tá bem bom. Tão bom de ler quanto os que foram escritos com calma. (p. 457 – cap. 27 – Skeeter e Aibillen, grifo nosso).

Ao narrar, Minny vale-se da repetição e da redução de palavras, que caracterizam claramente os aspectos da oralidade. É preciso considerar que a narradora pertence à classe social menos favorecida intelectual e economicamente e, ao valer-se desses recursos da oralidade, acaba por conferir à narrativa a verossimilhança, aproximando o leitor do texto, levando-o a vivenciar aquela realidade. Evidentemente que sua condição socioeconômica acaba por interferir na linguagem que utiliza no dia a dia. Ressalte-se, ainda, que ela faz parte daquele grupo social desprezado pela sociedade local, uma vez que ela era negra e empregada doméstica.

Aibillen, assim como Minny, pertence ao grupo desfavorecido da sociedade daquela região do Mississipi, Estados Unidos, na década de sessenta do século XX. Também apresenta uma linguagem marcada por termos da oralidade e que, com maestria, a autora do romance reproduz na fala da personagem.

Vejamos as passagens abaixo:

Essa é a história favorita dela, porque, quando eu conto, ela recebe dois presentes. Rasgo um pedaço de papel pardo da minha sacola de compras do *PigglyWigglye* enrolo alguma coisa lá dentro, como uma bala. Então uso o papel branco da minha sacola de compras da farmácia *Cole'se* enrolo um doce igualzinho. Ela leva muito a sério, abrir os pacotes. Espera eu contar a história sobre como não é a cor do pacote que conta, mas o que tá dentro dele(p.384 – cap. 23 – Aibillen, grifos nossos).

Eu sei que tem muitas outras coisas de “gente de cor” que eu podia fazer, além de contar as minhas histórias ou participar das reuniões de Shirley Boon – as assembleias na cidade, as marchas em Birmingham, *os comícios sobre o direito do voto no norte do Estado*. Mas a verdade é que não dou tanta bola assim pra votar. Não dou bola pra poder comer num balcão com gente branca. Dou bola pra se daqui a dez anos uma mulher branca vai chamar as minhas meninas de sujas e acusar elas de roubar a prataria(p. 286 – cap.17 – Minny, grifos nossos).

Tanto Aibillen quanto Minny apresentam marcas de oralidade em seus relatos, como exemplificam os trechos acima. O uso do verbo ter no lugar de haver, redução da preposição para em pra ou expressões como “não dou tanta bola assim pra votar”, que acabam por caracterizar a fala popular.

Os dois fragmentos apresentam marcadores conversacionais – características da língua oral – os quais funcionam como articuladores das unidades cognitivo-informativas do texto, como também de seus interlocutores. Eles têm um caráter multifuncional, pois, segundo Marcuschi (2003, p. 282), “operam como organizadores da interação, articuladores dos textos e indicadores de força ilocutória”.

Diferentemente das duas personagens anteriores, Skeeter é uma mulher da classe social com prestígio, mulher estudada (jornalista), o que reflete diretamente em sua fala. Ela traz em seu vocabulário palavras que traduzem seu *status* social e profissional: domínio da linguagem, com palavras mais requintadas. Mas, sem perder a espontaneidade que marca essa personagem. Vale lembrar que se trata de uma personagem que luta pela igualdade da mulher daquela época; ela tem modos de agir que

estão além de sua época. Ela foi criada para o casamento, o que não era sua meta. Ela quer liberdade. Ao se valer dessas marcas da oralidade, abre-se espaço para a interação com seu interlocutor.

Mamãe ainda não sabe que fui expulsa do clube de bridge, nem que Patsy Joiner tem uma nova parceira de tênis. Não sou mais convidada para festas nem para chás de bebês, nem para nenhum evento onde Hilly esteja. Exceto a Liga. Nas reuniões, as moças são monossilábicas comigo, vão direto ao ponto, ao tratar de questões do boletim da Liga. Tento me convencer que não ligo. Mas aboleto na frente da máquina de escrever e, na maior parte dos dias, não saio. (...). As pessoas tendem a tratar você de um jeito um pouco diferente (p. 444-445, cap. 27 – Skeeter, grifo nosso).

Na passagem acima, observamos que Skeeter vale-se de algumas poucas construções paralelísticas e, ainda, do pronome de tratamento você, como se estivesse se referindo ao leitor, seu interlocutor. Esse pronome acaba por se constituir em um marcador conversacional. Ela apresenta uma visão bastante diferente das moças daquela época que, segundo a personagem, “são monossilábicas comigo”, já que estão num universo diferente do dela, têm objetivos diferentes dos seus.

Não podemos perder de vista que, segundo Brait (2010), a interação é um elemento do processo de comunicação que (re)significa os enunciados, construindo sentido entre os interlocutores. Trata-se, sem dúvida, de um ato sociocultural com características linguístico-discursivas que podem ser constatadas de acordo com o falar do sujeito.

Considerações Finais

Falar de texto, oral ou escrito, evidencia-se que a verossimilhança está diretamente ligada às questões linguísticas, independentemente do gênero discursivo.

Como afirmam Scribner e Cole (apud Gnerre, 1998, p. 88), “A língua, enquanto fato social, na sua prática cotidiana, é um traço entre uma série de outros que no conjunto constituem as relações sociais e interpessoais. (...)”.

O romance, que constitui o *corpus* deste artigo, procurou trazer à baila as questões relacionadas à variação linguística, que faz parte de toda e qualquer comunicação, vista como interação. É preciso levar em consideração, sempre, a língua em ação, em uso nas

diferentes situações enunciativas. Cada uma das personagens deixa refletir no seu falar a sua condição social, sua ideologia, sua visão de mundo, enfim, seu estar na realidade em que estão inseridas. E, a partir deste recurso linguístico-discursivo acaba por ganhar a simpatia do leitor que vive intensamente cada momento narrado por elas.

A oralidade no texto escrito não significa “erro” tampouco “caos” linguísticos. O registro de uma marca linguística torna o texto verossímil. Ela se constitui em uma forma de construção do discurso e não simplesmente de reprodução discursiva. Segundo Preti (1999), por mais que o autor tente mostrar certo coloquialismo com marcas de oralidade, é preciso considerar que o texto literário constitui-se numa situação em que o autor tem plena liberdade de pensar e refletir aquilo que está sendo escrito, diferentemente da modalidade oral da língua, na qual os interlocutores não têm tempo de criar um discurso mais elaborado.

Nesse sentido, as narradoras desse romance acabam por se tornar verdadeiras “contadoras” de história, tendo em vista a espontaneidade, a aproximação entre a linguagem utilizada e os fatos narrados, sempre considerando as condições socioeconômicas em que se encontram.

Bibliografia

- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino (org.). **Análise de textos orais**. 7 ed. São Paulo: Humanitas, 2010.
- COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1980.
- KERBRAT-ORECCHIONE. **Análise da conversação – princípios e métodos**. São Paulo: Parábola, 2006.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita – atividades de retextualização**. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2009.
- PRETI, D. (org.) **Estudos de língua falada – variações e confrontos**. São Paulo: Humanitas, 1999.
- STOCKETT, K. **A Resposta**. Trad. Caroline Chang. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a literatura medieval**. Tradução de Amalio Pinheiro, Jerusa Pires. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.